

Primer Coloquio Argentino de Estudios sobre el Libro y la Edición



PROJETOS EDITORIAIS E EXPOSIÇÕES DO LIVRO NO ESPAÇO LATINO-AMERICANO: INTELLECTUAIS E TROCAS CULTURAIS. 1930-1940¹

ELIANA DE FREITAS DUTRA
UNIVERSIDAD FEDERAL DE MINAS GERAIS

Apresentação

A difusão da cultura brasileira foi um importante ponto de pauta da política cultural do Estado Novo, tendo à frente o ministro da Educação e Saúde Gustavo Capanema. Para implementá-la o Estado Novo contou com o concurso do recém criado Instituto Nacional do Livro, INL, o qual, além de definir uma política de doações de livros para bibliotecas, embaixadas e centros culturais do Cone-Sul, bem como de outros países, encarregou-se também, dentro de uma perspectiva nacionalizante, da organização de exposições do livro brasileiro no exterior e de acolher exposições de livros estrangeiros no Brasil. Este foi o caso da Exposição do Livro Brasileiro realizada no Uruguai em 1939; da exposição do Livro Argentino e da Semana do Livro Uruguaio realizadas ambas no Rio de Janeiro em 1940. Entre os mestres desta política o Ministro Gustavo Capanema e o escritor Augusto Meyer, então diretor do INL, não vão poupar esforços para tornar bem sucedida essa pauta política, no interior da qual o projeto editorial estatal do INL vai se cruzar com o projeto editorial privado da Biblioteca Pedagógica Brasileira, concebido pelo intelectual, educador Fernando de Azevedo, em particular com uma de suas séries mais importantes: a Coleção Brasiliana, publicada pela Companhia Editora Nacional,

Nossa proposta é de acompanhar, a partir a execução dessa pauta política, suas referências intelectuais e os engajamentos da intelectualidade, tendo como foco as exposições acima mencionadas.

Já ressaltamos, em várias ocasiões, que analisar o percurso da edição e da divulgação dos livros exige que consideremos suas mediações intelectuais e a condição mesma dos livros como mediadores de cultura e de identidades. No Brasil dos anos 1930 confundem-se as modificações no seio da política dos impressos com os debates e as estratégias da atualidade política. A imprensa e as iniciativas editoriais colocam-se no

¹ Este texto foi escrito no âmbito de uma pesquisa realizada com o apoio do CNPq, a quem agradecemos.



topo de uma ampla transformação do tecido da comunicação social, caracterizada pelo advento de uma cultura de massa.

De um lado, a *Coleção Brasileira*², o mais importante projeto editorial /intelectual desta época. Pensada como obra de informação e consulta, podemos dizer que a Coleção Brasileira pretendeu disponibilizar para um público amplo, de maneira compacta e enciclopédica, reedições de obras raras, clássicos esgotados, traduções de obras estrangeiras sobre assuntos brasileiros, novos trabalhos sobre o Brasil na forma de ensaios sobre a sua formação histórica e social, estudos de vultos da história brasileira e de problemas nacionais – geográficos, etnológicos políticos, econômicos, militares, etc - de forma a ser, segundo a palavra dos seus editores “a maior e a mais completa **biblioteca** de estudos nacionais”.³ Uma iniciativa privada que, como já assinalamos em outros escritos, se torna, à partir de 1931, uma espécie de território onde se pretende que os livros transitem como mediadores de cultura e de identidade, de maneira a difundir um parâmetro cognitivo para a compreensão do país – através do conhecimento da história e da formação nacional – e para definir um perfil da nacionalidade brasileira.

De outro lado, o *Instituto Nacional do Livro / INL*, criado pelo Estado em 1937 que, ao mesmo que estrutura uma política estatal para o livro, baseada na edição, de obras consideradas fundamentais para o panteão cultural da nação, no apoio à criação de bibliotecas, nas fontes de subsídios à produção e ao consumo de livros, no incentivo à prática da leitura como objetivo educacional – buscou considerar o livro como ferramenta de propaganda, de aproximação diplomática e de divulgação da cultura e civilização brasileiras no exterior. A política de doação do INL aos países e principais centros culturais da América Latina, e mesmo da Europa e dos Estados Unidos, ultrapassou os títulos publicados pelo INL e buscou na *Coleção Brasileira* muitos dos seus títulos preferenciais.

É justamente no sentido desta divulgação que encontramos o livro no cerne da prática de uma diplomacia cultural. Esta abrangerá os esforços oficiais, do Estado, para se aproximar dos outros países pelo conhecimento e a valorização cultural mútua:

² Ver: DUTRA, Eliana De Freitas. A Nação nos Livros: A Biblioteca Ideal na Coleção Brasileira. In: Dutra, Eliana De Freitas; MOLLIER, Jean-Yves (Org.). **Política, Nação e Edição. O Lugar dos Impressos na Construção da Vida Política. Brasil, Europa e Américas nos séculos XVIII-XX**. São Paulo: Annablume, 2006, p.299-314

³ **Catálogo Brasileira Comemorativo dos 200 volumes**. Companhia Editora Nacional, 1941.



através da história, da literatura, dos ensaios, das artes plásticas e arquitetônicas, da música, da ciência, do pensamento político.

O objetivo do nosso texto era, inicialmente, de refletir sobre as ligações dessas duas política: a de doações de livros⁴ para além da fronteira nacional e a realização de exposições de livros de países vizinhos com os projetos políticos da *Coleção Brasileira* e do INL. Afinal, ambos mobilizaram os compromissos de nomes expressivos da intelectualidade brasileira mergulhados nos debates que queriam caracterizar o povo e a nação brasileira, buscando possibilidades para que a civilização brasileira afirmasse seus vínculos com a cultura americana.

Entretanto, optamos, dados os limites desse texto de nos ater às exposições.

Dois homens, duas instituições

Vamos tentar mostrar, nas páginas que se seguem, o experimento de uma forma de mediação cultural que adotou os livros, e as exposições de livros como instrumentos de circulação de idéias, de cultura e de sinais da condição de civilização de um povo, sobretudo no exterior. Na origem dessa dinâmica de mediação cultural estava o Estado através do INL e seu responsável, um homem político, o ministro da Educação Nacional e da Saúde, Gustavo Capanema⁵, mentor do Instituto Nacional do Livro, local onde também atuou como figura onipresente, em que pese que o diretor dessa instituição, aliás diretor, aliás vitalício, e editor tenha sido o escritor Augusto Meyer. Vários são os pontos em comum, malgrado as diferenças, entre o projeto editorial do INL e a *Coleção Brasileira*. O pano de fundo é o fato de que a *Coleção Brasileira*, assim como a experiência de criação e organização do INL nos anos 30, foram fundamentais para demonstrar a existência da crença de setores da intelectualidade brasileira na difusão de um modelo de política editorial como parte de uma pedagogia nacionalista. Pedagogia essa, baseada na certeza de que as mudanças no mundo sócio-cultural não podiam

⁴ Ver DUTRA, Eliana De Freitas. Le Brésil au-delà des frontières : la Collection Brésilienne et les circuits diplomatiques du livre brésilien. In : HAUSER CLAUDE, LOUË, Thomas, MOLLIER, Jean-Yves ; VALLOTON, François. **La Diplomatie par le Livre**. Paris. Éditions Nouveau Monde, 2011, p.393-409

⁵ A respeito da atuação de Gustavo Capanema como ministro do governo de Getúlio Vargas vide : BOMENY, Helena, M.B. (ORG.) **Constelação Capanema: intelectuais e Política**. Rio de Janeiro: FGV, 2001; SCHARTZMAN, et alí. (orgs.) **Tempos de Capanema**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, Ed. FGV, 2000



dispensar o movimento e as ações oriundas do mundo dos livros, do papel da leitura, o que, por conseqüência, poderia ser instrumentalizada para o objetivo de construção de um paradigma da identidade nacional. Não por acaso, a edição de livros, revistas e coleções foi considerada um elemento decisivo na política de nacionalização da cultura implantada não somente pelos intelectuais e editores, mas também pelo Estado.

Esse desejo reformista estava voltado para a afirmação da nacionalidade brasileira e para o objetivo de integração do Brasil no concerto das nações pela via do progresso econômico e da modernização política, social e cultural do país. Na verdade, Fernando Azevedo e Gustavo Capanema, bem como seu auxiliar Augusto Meyer, não eram estranhos nessa rede⁶ formada por uma elite intelectual poderosa na República das letras brasileiras. Isto apesar da distância dos seus projetos - um voltado para a educação republicana, mais liberal, e o outro “marcado pelos ecos longínquos das influências de um positivismo ortodoxo” adepto das vantagens da ditadura republicana e de um executivo forte para a implementação das políticas sociais, tão ao gosto do chefe do governo, Getúlio Vargas.

Quanto ao que nos interessa no momento, gostaríamos de destacar que Fernando Azevedo, Gustavo Capanema e Augusto Meyer vão desempenhar um papel importante: o papel de transmissão cultural (com a autoridade literária, a autoridade social da gente do saber e a autoridade política do Estado) e vão inserir os livros simultaneamente no mercado da cultura brasileira e na rede internacional da diplomacia cultural, no âmbito de um alinhamento com o objetivo de mostrar a pujança do pensamento e da cultura latino-americana.

Nessa perspectiva, no que toca ao Estado, o Ministério Capanema escolheu como objetivo para o INL “ampliar a circulação das idéias, sobretudo para o enriquecimento das bibliotecas já existentes no Brasil e além de nossas fronteiras e aumentar o conhecimento sobre o Brasil através de autores nacionais cujas obras

⁶ Estamos considerando como referências para este texto, no tocante aos conceitos de intelectuais, rede e sociabilidade intelectual as reflexões de SIRINELLY, Jean-François. **Les intellectuels en France. De L’Affaire Dreyfus à nos jours.** Paris: Perrin, 204; Os Intelectuais. In : REMOND, René. **Por Uma História Política.** Rio de Janeiro : FGV, 1996, p. 231-269; ALTAMIRANO, Carlos. **Intelectuales. Notas de Investigación.** Bogotá: Grupo Editorial Norma, 2006; **Historia de los intelectuales em América Latina.** V.I e II (Org) Buenos Aires: Katz Editores, 2008; **Para um Programa de História Intelectual y Otros Ensayos.** Buenos Aires: Siglo XXI, 2005



refletem nossa cultura e valorizam as possibilidades da civilização brasileira na cooperação internacional.”⁷

A Diplomacia do Livro

A cultura brasileira se tornou um ponto da agenda política das doações e das exposições dentro de um projeto do Estado.

Do ponto de vista da diplomacia política, a influência bastante difundida no Brasil, desde 1910, dos ideais do pan-americanismo encontrou no país grande entusiasmo no meio diplomático a esse ideal de cooperação.

A aproximação gradual com os Estados Unidos pelo governo Vargas pós 1938 - paralelamente ao seu distanciamento da Alemanha e do seu bloco de aliados de guerra - e um novo interesse da diplomacia brasileira pelos países da América Latina⁸ serão fatores favoráveis para a diplomacia cultural do livro..⁹

A política dos intercâmbios culturais do INL não se restringiu apenas à política de doações: as exposições também faziam parte de seu cardápio cultural de divulgação do Brasil e se compõe com a política de doações e da utilização do livro nas políticas de intercâmbio intelectual e de expansão da cultura brasileira. Considerava o ministério que a cultura estrangeira, por sua natural força de expansão, chegaria ao Brasil mesmo sem intervenção oficial, ao passo que a nossa cultura, para se tornar conhecida no mundo, necessitava de veículo que a impulsionasse.

Assim também pensavam os representantes da Academia Brasileira de Letras , ABL, que um ano antes da realização da Exposição de Livros Brasileiros em Montevideu, quando, na ocasião da recepção na ABL delegados uruguaios no Congresso Brasileiro de História-dentre eles Caviglia Filho- manifestam seu apoio aos planos de realização da referida exposição sugerindo que a Federação das Academias de letras se dirigisse á suas afiliadas pedindo empenho, aos seus associados, na propaganda da Exposição, e para que se empenhassem a fim de que obras autores de qualidade e representativos da cultura brasileira pudessem se fazer presente no evento em preparação..Para o escritor Carlos Maul a exposição

⁷Vide Arquivo Gustavo Capanema. CPDOC, FGV, r.24, doc. 501.

⁸ Sobre esse assunto ver : BAGGIO, Kátia Gerab. **A Outra América. A América Latina na visão dos intelectuais brasileiros das primeiras décadas republicanas.** Tese (Doutorado), São Paulo: USP, 1998

⁹ VARGAS, Getúlio. Discurso de 1939- In: Arquivos Getúlio Vargas. GV, CPDOC, FGV, p. 109. Ver também VARGAS, Getúlio. **A nova política do Brasil.** Rio de Janeiro: J. Olympio, 1938-1943. 9 v.; et VARGAS, Getúlio.**Discursos.** Rio de Janeiro: Dept. Impr. e Propaganda, 1944.



“é das que não podem ficar sem ressonância numa casa como esta[ABL], representativa de quase todas as academias que de norte a sul cuidam das boas letras e com ela fortalecem os laços de unidade espiritual brasileira. Temos aqui delegação do maior número dos que escrevem em nossa terra , dos que se agremiam para melhor trabalhar em benefício da à sombra das instituições tutelares da inteligência. (...) Não é preciso realçar o mérito da empresa. Ela significa um passo largo e firme no entendimento mais forte com um grande e glorioso povo da América. E o livro completará, assim, a política da boa vizinhança consagrada pela tradição histórica do continente. “¹⁰

Próximo à data de realização da Exposição no Uruguai, bem como durante e depois da mesma, os jornais brasileiros são pródigos em dar espaço aos articulistas e aos envolvidos com a Exposição. Assim, se sucedem textos, alguns assinados pelo jornalista Pedro Costa Rego, pelo escritor Carlos Maul, por Gonzaga Coelho onde não faltam elogios a ao embaixador Batista Luzardo e às ações desenvolvidas pelo Brasil, na linha de uma política de intercâmbio cultural - considerado uma dos maiores fatores de êxito para a aproximação americana- e do conhecimento mútuo entre as Repúblicas sul-americanas; o conhecimento do movimento cultural do continente; e a demanda de iniciativas que envolvessem editores e livreiros para o bom êxito para a disseminação dos livros, em especial dos brasileiros, na América.¹¹

Tanto empenho na retórica de aproximação entre os povos não poderia deixar de lado o recurso à tópica da fronteira, a qual é utilizada por Pedro Costa Rego ao justificar o empenho e entusiasmo pelos livros e pela cultura por parte do embaixador Batista Luzardo, o qual não era um homem de letras, tendo servido na fronteira antes da diplomacia. Segundo Costa, Batista Luzardo sabia

“ de ver e sentir, que a fronteira muito povoada no extremo sul do Brasil, mistura o povo uruguaio e o povo brasileiro às vezes até na mesma cidade, onde a linha divisória é uma rua, com bandeiras diferentes de um lado e doutro em perene

¹⁰ MAUL, Carlos. Exposição do Livro Brasileiro em Montevidéu. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 1º de novembro de 1938

¹¹ Ver, a título de exemplo: A Diplomacia dos Livros. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 5 de outubro de 1939; Intercâmbio Cultural. **Diário Carioca**. Rio de Janeiro, 19 de Outubro de 1939; O Livro Brasileiro. **Correio da Manhã**. 18 de outubro de 1939; Livros Aproximando Povos. **Correio da Manhã**, 2 de novembro de 1939; Livros Brasileiros no Uruguai. **A Noite**, Rio de Janeiro, 2 de dezembro de 1939; Intercâmbio Intelectual Brasil-Colombiano. **Correio da Manhã**, 23 de dezembro de 1939, entre outros



festa de confraternização.mas os dois povos misturados na fronteira não se conhecem profundamente: conhecem-se ali, por seus hábitos regionais, quase idênticos, e, entretanto nunca penetram no estudo e na compreensão da vida.(...) Uma visão do Brasil é o que se abrirá nessa feira de inteligência(...) uma visão do Brasil atual e do Brasil do passado,e m todos os gêneros, com seus poetas e prosadores, seus ensaístas, cientistas, filósofos, críticos, pedagogos, historiadores, biógrafos, jurisconsultos.O Uruguai não os conhece, tantos e tão espalhados pelas províncias das letras. O livro brasileiro é lá, como em toda América, escasso. Em regra importa-se o que sabe, e ainda assim pouco: não se importam os autores clássicos, isto é aqueles que sobrevivem e marcam os estágios da evolução intelectual.Deste modo, a exposição do livro brasileiro não se destina apenas a revelar os autores, porém, e sobretudo, a disciplinar o conhecimento da literatura em suas fontes. ”¹²

Carlos Maul, por seu lado, liga a iniciativa de Batista Luzardo aos avanços técnicos da produção de livros no Brasil dos anos 30: os tipos fundidos nas usinas brasileiras, o papel nelas fabricado, as gravuras e a impressão trabalhadas nas oficinas nacionais,a presença de artistas nas tipografias oficiais, especializados na produção de de iluminuras, de cartografia, e reproduções de heráldica e de numismática. Tudo isto, num contraste com os patamares técnicos das décadas anteriores, o que já permitiam luxos que, a seu ver, emparelhavam os livros brasileiros com muitos dos melhores do mundo. Diante disso, Maul assinala que

“Batista Luzardo conhecia tudo isso, e sentiu um dia, com tristeza a ausência do Brasil mental no Rio da Prata.Correu todas as livrarias de Montevideu e não encontrou sequer um dos nossos autores.as elites da terra sabiam o nome de meia dúzia.Sabiam por ouvir dizer. A massa dos leitores que se familiarizara através de traduções ou dos originais, com franceses, italianos, russos ingleses e espanhóis distantes, ignorava os vizinhos.Daí a sua idéia da Semana do Livro que terá começo em 15 dr novembro próximo na capital uruguaia.”¹³

Sem deixar de se referir às exposições do livro norte americano e inglês ocorridas no Rio de Janeiro, esse autor afirmava que a exibição programada pelo Brasil

¹² REGO, Pedro Costa. **Correio da Manhã**. Rio de janeiro, 18 de outubro de 1939

¹³ MAUL, Carlos. A Diplomacia dos Livros. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 05 de outubro de 1939



para a Exposição no Uruguai seria capaz de dizer “não com menos eloqüência, da intelectualidade do Brasil o que disseram aquelas da Inglaterra e dos Estados Unidos, abrindo caminho ao conhecimento dos e ao entendimento recíproco dos povos.”

Com tantos engajamentos a seu favor, sem dispensar as habituais batalhas de alteridade - habitualmente afeitas aos processos de auto-afirmação nacional – e os preceitos do cânone pan-americanista então novamente em voga, a exposição, chamada Salão do Livro do Brasileiro, se realizou em Montevideú, no final do ano de 1939. Ela foi precedida da Exposição de Livros Ingleses e da Exposição de americanos modernos, esta realizada nesse mesmo ano de 1939, patrocinada pelo Ministério da Educação, destinada à maior aproximação entre a República norte americana no Brasil, tendo o ministro Capanema, na ocasião expressado o interesse em estimular esse tipo de iniciativa para intensificar o intercâmbio cultural entre o Brasil e as “repúblicas irmãs do continente”.¹⁴ A exposição do brasileiro no Uruguai, portanto, foi uma iniciativa nesse sentido, as quais foram precedidas e seguidas de outras, num movimento de mão dupla, o que sugere uma disposição de busca de aproximação e afirmação de uma posição continental por parte do Uruguai, do Brasil e da Argentina naqueles anos 1930-40.

Não por acaso no início desse mesmo ano de 1939 chama atenção um artigo no *Jornal do Brasil*, intitulado Intercâmbio Intelectual com a Argentina¹⁵, onde a articulista comenta um número especial da Revista argentina *Caras Y Caretas* dedicado, segundo suas palavras, “aos homens e assuntos do Brasil”. No artigo ela lembra o historiador Ricardo Levene, então presidente da Comissão Revisora dos textos de História e Geografia Americana, o qual, no prefácio do livro *História da Civilização Brasileira* do historiador brasileiro Pedro Calmon - aliás editado no Brasil pela Coleção Brasileira e traduzido para o espanhol por Julio E. Payró, na Coleção da Biblioteca de Autores Brasileiros - teria definido a finalidade do intercâmbio que ela chama de “espírito.” E cita a afirmação de Levene quando afirma no prefácio em questão: “Devemos superar la etapa romântica de la amistad entre los pueblos de América, entrando en la union de las inteligências”.Abrimos aqui um parêntesis para lembrar que a Comissão Revisora se

¹⁴ Inaugurada ontem a Exposição do Livro Americano. **Jornal do Brasil**.Rio de Janeiro, 08 de agosto de 1939. Ver também: O Livro Americano.Palestra de Afrânio Peixoto na Biblioteca Nacional. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 09 de agosto de 1939

¹⁵ Intercâmbio Intelectual com a Argentina. **Jornal do Brasil** Rio de Janeiro, 16 de maio de 1939;



originou de um convênio firmado entre os governos do Brasil e da Argentina, assinado, em 1933, e destinado à realização de uma revisão dos textos de ensino de História e Geografia, e que originou na publicação da Coleção de autores brasileiros e Argentinos.

A articulista termina seu artigo lembrando que a união das inteligências proposta por Ricardo Levene já estaria magistralmente em curso na Argentina, em que, inclusive, acabava de ser formada a primeira turma de professores de português e literatura brasileira, egressos do Instituto Nacional do professorado secundário de Buenos Aires.

Voltemos então à exposição do livro brasileiro que aconteceu em Montevideo, por iniciativa do Embaixador brasileiro no Uruguai, Batista Luzardo em novembro de 1939. Inaugurada por ocasião do cinquentenário da República Brasileira, em 15 de novembro, com a presença do Presidente Alfredo Baldoni e do Ministro da Instrução Pública Toríbio Olsato, ela foi organizada pelos delegados do governo, os escritores, e poetas, brasileiros Carlos Maul e Oswaldo Orico, membros da ABL e teve como assistentes técnicos para a montagem dos stands Pedro Gouveia Filho e o arquiteto Oscar Niemeyer¹⁶, o grande representante brasileira da arquitetura modernista que então se afirmava no Brasil. Os preparativos brasileiros da exposição, tratada como assunto de Estado, incluiu visitas de ministro, caso de Eurico Dutra e Gustavo Capanema, à Biblioteca nacional para supervisão das coleções a serem expostas e dos volumes catalogados.¹⁷

O escritor Maul, aliás, foi o organizador da edição, na Brasiliana, com a compilação e comentários de obras de Manoel Bonfim O Brasil Nação e América Latina. Ele e Orico foram os responsáveis pela seleção dos títulos expostos na exposição, os quais cobriram as áreas do direito, medicina, engenharia, história, filosofia literatura, infantil, romance, conto, poesia. A exposição contou com a chancela da Academia Brasileira de Letras, com a presença dos escritores argentinos Maria de Villarino e Alfredo Miguel D'Elia. O Brasil, a crer nos registros da imprensa e nos documentos do Arquivo Capanema, enviou 4000 volumes os quais seriam doados ao governo uruguaio e seu destino seria a biblioteca do Instituto Cultural Uruguaio-Brasileiro, cujas bases o Ministro Toríbio Olsato afirmou pretender criar após a exposição. Dentre esses volumes se faziam presentes grandes títulos do panteão

¹⁶ A Semana do Livro Brasileiro no Uruguai. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 15 de outubro de 1939

¹⁷ Idem.



literário brasileiro, a exemplo de Castro Alves, Joaquim Manoel de Macedo, José de Alencar, Machado de Assis, José de Alencar, Euclides da Cunha, Alphonsus de Guimarães, entre vários outros e também escritos de homens públicos como Tavares Bastos, Joaquim Nabuco, Rui Barbosa os quais se somavam obras expressivas da literatura jurídica, da medicina, engenharia, e também compêndios técnicos, livros didáticos para professores e estudantes- livros de orientação e livros de ensino- obras recreativas para a infância, romances populares, e até traduções “de obras de fama universal”. As edições oficiais do INL também compareceram, a exemplo da coleção de documentos do arquivo de Floriano Peixoto, com comentários críticos; obras sobre a arte da cavalaria e cartografias raras, de origem lusitana, da biblioteca do exército.

O ministro Capanema, também agraciado com livros pelo Ministro do Uruguai, afirmou que os livros que ele tinha recebido como presente traduziam um avanço técnico da civilização do Uruguai e sua perfeita integração no mundo da cultura moderna.”¹⁸

Um evento paralelo à Exposição foi a realização da reunião de livreiros e editores convocada em nome da intensificação do intercâmbio cultural entre os dois países, com a presença de Francisco Oliveiras, dono, segundo informado, de uma das principais livrarias de Montevideú à época. Dizendo-se ser mais do que um negociante de livros e sim livreiro por vocação, e conhecedor da vida das editoras e livrarias do Brasil, afirma, em entrevista considerar que a exposição poderia ter sido muito maior, e se diz surpreendido com a coleção de obras de direito, de medicina, de estudos sobre problemas brasileiros, de literatura infantil e de novelas em torno da realidade do Brasil. Cita Monteiro Lobato como exemplo de um estrategista na venda de livros, com a utilização de “livros batedores” ou “ abre-caminho”-livros bons, de grande interesse para diferentes camadas de leitores, novelas de aceitação popular- que ele escolhia e mandava com a publicidade adequada, e a opinião dos críticos, para diferentes pontos do país. Atrás desses livros iriam outros, e que esse mesmo processo deveria ser adotado no Uruguai para facilitar a entrada do livro brasileiro, combinado com a redução das tarifas postais, a diminuição do preço dos livros, e ao flexibilização das fiscalizações bancária e a possível devolução grátis dos livros encalhados. A língua, no seu entender não configuraria uma barreira aos leitores, dado ao interesse e ao número crescente dos

¹⁸ Arquivo Gustavo Capanema. G.C. CPDOC, FGV, r24, doc. 691



falantes da língua portuguesa no Uruguai.¹⁹ Sua opinião sobre as dificuldades não difere da manifestada anteriormente por Carlos Maul²⁰, que também reclamava providências imediatas das autoridades brasileiras para benefício dos editores e livreiros do Brasil. Relata que alguns editores que tentaram alcançar o mercado de livros no países americanos, não tiveram a maioria dos seus títulos vendidos; as tarifas de retorno a serem pagas foram extremamente pesadas e consumiram os poucos lucros obtidos; o que desestimulou novos negócios, trazendo com isso prejuízos à disseminação dos livros brasileiros na América.

Em agosto do ano seguinte, precisamente, em 08 de agosto de 1940, o Brasil acolheu, na Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro, na Biblioteca uma exposição do livro argentino, saudada pelo Ministro Gustavo Capanema como uma oportunidade preciosa para o bom conhecimento entre os dois países, na área intelectual.

Realizada na Biblioteca Nacional, a Exposição do Livro Argentino foi realizada sob o patrocínio da Comissão Nacional Argentina de Cooperação Intelectual, e sob a coordenação do intelectual Antonio Aita Sendo que na solenidade da inauguração da Exposição estiveram presentes, além do ministro Gustavo Capanema e do encarregado de Negócios da Argentina, representantes do governo brasileiro, da diplomacia e de numerosas associações culturais do país.

Capanema, no seu discurso, enfatizou que os livros ali reunidos constituiriam ainda “eloqüentes sinais de que, na America, uma cultura nova já se ergueu cheia de vigor, e destinada sem duvida a servir e honrar o destino da espécie humana”.²¹

A Exposição do Livro Argentino foi saudada como uma demonstração viva da cultura e também do grau de adiantamento das artes gráficas da Argentina, ponto considerado precário no Brasil por todos aqueles defensores de uma política para o livro brasileiro.

As obras expostas incluíam livros das edições de maior valor da cultura argentina, como vermos, traduções, tidas como primorosas, tais como as de Homero Platão e outros clássicos de filosofia, como Descartes, Montaigne, Bergson e de outros ditos “gênios da ciência”; exemplares de obras versando sobre as ciências físicas,

¹⁹ Ver Livros Brasileiros no Uruguai. As possibilidades da Colocação das obras nacionais nas livrarias de Montevideú. **A Noite**. Rio de Janeiro, 02 de dezembro de 1939

²⁰ **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 02 de novembro de 1939

²¹ Exposição do Livro Argentino no Brasil. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 10 de agosto de 1940



químicas e matemática; volumes acerca de medicina, direito, economia, historia, biografia, belas artes, arqueologia, filologia, psicologia, sociologia, critica, teatro, danças, pintura, musica, folclore, artes populares, romances, poesia e religião

Os jornais ressaltam que os livros que focalizam os assuntos técnicos abrangiam um largo campo do conhecimento humano. As edições de luxo seriam primorosas e ostentariam o aperfeiçoamento das artes gráficas da Argentina. As paginas das iluminuras reproduziriam acontecimentos históricos, lendas, paisagens, pinturas imortais, cenas da vida indígena, e tudo com as claridades, o colorido e o movimento que exigem a boa arte desse gênero. A ‘Historia de San Martin’, por exemplo, ofereceria uma ilustração maravilhosa, o célebre ‘Las liturgias de la puna’, ‘Fausto para os gauchos’, teria um cunho de originalidade, principalmente a ultima obra, em que o autor procura estabelecer a identificação pelos gauchos do personagem de Goethe. As coleções de antigas canções e danças da Argentina, com os aspectos típicos que reviveriam o temperamento artístico, a inspiração e a coreografia das gerações passadas teriam encantos e seduções irresistíveis.

A parte dos livros denominada ‘Biblioteca Popular’, aproveitaria todos os tipos e matizes da literatura. Entre essas edições, lá estão as de livros de autores brasileiros, Erico Veríssimo e Machado de Assis.

A Historia Argentina apresentou-se com Julio Aramburn e Ricardo Levene. Uma brochura alentada, tendo na capa um clichê denominado de “magnífico”, aparece numa das estantes da Exposição – ‘Getulio Vargas e y la unidad brasilena’. Mereceu destaque um registro à parte: a reprodução fac-similar de periódicos antigos: ‘Telegrafo Mercantil’, 1802; ‘Gazeta de Buenos Aires’, 1812; ‘El Argos’, de Buenos Aires, 1823 e ‘El Zonda’, de San Juan, 1839”.

Pedro Calmon vai dar destaque todo especial para Antonio Aita – considerado como um dos maiores operários americanos da confraternização espiritual dos homens de letras – e que teria trazido de Buenos Aires o que denominou de admirável Exposição do Livro Argentino, a qual ocupou o salão de entrada da Biblioteca Nacional. O escritor escreve um longo texto sobre a exposição onde a tópica da fronteira é o elemento organizador do discurso: fronteira como barreira; fronteira como passagem; como lugar da



circulação de bens materiais e simbólicos, de idéias, de pessoas e impressos; fronteira como complemento retórico dos projetos de união dos povos latinos e da afirmação da identidade cultural continental, da autonomia dos seus valores intelectuais e da excelência da sua produção letrada.

“É a segunda grande exposição de livro estrangeiro que aqui se faz. A primeira – das modernas edições norte-americanas – mostrou-nos o soberbo progresso da indústria e do bom gosto nos Estados Unidos. Esta revela e documenta a perfeição das artes gráficas da Argentina contemporânea. Mas não é somente o luxo das impressões, com o primor técnico de tantos volumes que poderíamos guardar em escrínios, como jóias do engenho moderno – que nos impressiona e agrada em tais exposições. Paira sobre elas a inteligência peregrina. Dir-se-ia que nos visitam também os escritores e os poetas, os cientistas cujos nomes célebres brilham na capa de grossos tratados e a gente nova, que acaba de dar a lume a manifestação estreante do seu talento e de sua irreverência intelectual. A mais bela embaixada: duma cultura inteira!

Certo é que ainda vivemos no continente a época das fronteiras cerradas, no que se refere ao intercambio das literaturas. A razão é simples e primitiva: não tivemos tempo para nos conhecermos devidamente, uns aos outros, porque mirávamos todos o horizonte europeu. Poucos livros da ‘boa vizinhança’ transpuseram outrora esses limites – morais e geográficos. Meia dúzia apenas de sul-americanos geniais logrou passaporte franco, pelas estradas da popularidade, neste seu hemisfério: Montalve, Andrés Bello, Mitre, Sarmiento, Rodó... Citaríamos outros mais. Número insignificante, porém, em face da multidão, de líricos, de sociólogos, de estilistas, de pujantes pensadores, de educadores e ensaístas que, em cada uma das Republicas amigas perfazem a sua constelação ideologica, e entretanto, não chegaram até nós. O mesmo diremos dos nossos – que acolá as mesmas elites ignoram, por isso maravilhadas quando lhes afirmamos que além de Ruy, Alencar e Euclides, de Machado, Bilac e Coelho Netto, possuímos uma coorte de autores que bem representariam, nos climas finos da critica e da beleza, a alma brasileira... Vem dessa falta de comunicações o prestígio – e a necessidade – das exposições de livros. Antonio Aita, abrindo-nos as suas preciosas estantes de obras-primas do pensamento argentino, leva-nos aos mais altos níveis da civilização do seu povo: porque nos oferece a intimidade dos seus guias mentais. Indica-nos a exuberante atividade de suas Faculdades de Letras; a opulência de sua bibliografia escolar; a originalidade dos estudos ‘folclóricos’. Comprova-nos o desenvolvimento das pesquisas históricas, o labor considerável dos Museus etnográficos, o apreço dado às artes decorativas. Alinha diante de nós a galeria dos novelistas dos biógrafos, dos polígrafos, dos interpretes da ingenuidade rural acalentada pelo misticismo do ‘fogão’ gaúcho. Fala-nos de Don Segundo Sombra, Cané, López, Echeverria. Amigos nossos, detêm-nos Ricardo Levene, Ramon J. Cárcano, Octavio Amadeo. As obras de D. Bartolomé Mitre – pura gloria portenha – valorizam outras coleções ilustres. Martin Fierro, as sugestões agrestes da planície e da Historia, dessa movimentada historia argentina rumorosa de cavalgatas heróicas, as harmonias da ‘rinconada’, da força e o encanto da inspiração ‘pampeira’



desdobram-se numa biblioteca de canções, de retratos, de análises, de contos e romances, em cuja portada resplandece o Facundo, de Sarmiento. O século XIX completa-se com o século atual. Os clássicos unem-se aos recentes, aos da véspera, aos valores consagrados (Ibarguren, Echagüe, Gálvez, Capdevilla, Palcos, os Quesadas, e são tantos!) e à geração que desponta. Apresentação imparcial, portanto justa, a do Livro Argentino é simultaneamente um conclave, a que comparecem os vultos representativos, os expoentes e os mestres do estilo, da graça e do saber.²²

A Argentina ainda foi reiteradamente citada como um modelo pelos seus esforços intelectuais, estabelecendo de maneira pioneira na América Latina, tal como lembrado pelo do Ministro Capanema, uma cultura do livro e das bibliotecas, com a sua política de educação nacional a partir de Sarmiento que “assumiu a educação como primeiro pilar de toda a construção nacional”²³. Na abertura da exposição o Ministro Gustavo Capanema chama a atenção não somente para a grandeza da cultura científica e literária da Argentina, mas, sobretudo, para a importância do conhecimento da vida intelectual dos países da América Latina.

A cobertura da imprensa sobre a Exposição do Livro Argentino ao lado do destaque dado ao potencial da indústria gráfica Argentina, considerada superior á do Brasil, vai salientar que naquele país as edições de tipo comum variavam entre 500 e 1000 exemplares, enquanto as edições de envergadura seriam aquelas marcadas pelo record de livros de história e novelas, os quais alcançavam até 4000 exemplares, muito embora os livros voltados aos assuntos técnicos e científicos alcançassem ainda maior difusão²⁴.

²² CALMON, Pedro. **A Noite**. Rio de Janeiro 17 de Agosto de 1940

²³ Arquivo Gustavo Capanema. G.C. CPDOC, FGV, r24, doc. 661. Um importante estudo comparativo a respeito das políticas do livro para a educação das crianças no Brasil e na Argentina foi feito por PELLEGRINO, Gabriel Soares. **A semear Horizontes. Uma História da Formação de Leitores na Argentina e no Brasil, 1915-1954**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007, mostra bem como, na Argentina, a política de abertura de bibliotecas foi bem sucedida ao contrário da do Brasil e da política do INL na época do ministério de Gustavo Capanema, apesar da sua admiração pelo trabalho de Sarmiento nessa área. Segundo Capanema, as bibliotecas deviam ser “centro de formação da personalidade, de compreensão do mundo, de auto-educação, enfim, centro de cultura”. A minha hipótese, sobre o fato de que a política de publicação do INL, assim como a estimulação da leitura pela abertura de bibliotecas não terem tido o mesmo sucesso da política de Sarmiento na Argentina, reside, em parte, no fato de que Capanema fez importantes investimentos em projetos educacionais e de constituição da nacionalidade que privilegiaram os programas de mobilização, patriotismo e disciplina da juventude dentro de uma política nacionalista e autoritária. Registramos também a escolha por livros monumentais e títulos que visavam mais o público externo, os letrados e os especialistas do que os jovens leitores brasileiros. A Brasileira estava voltada para um tipo de leitor culto, para profissionais, e para os altos escalões do governo mas a Biblioteca Pedagógica, à qual ela pertencia, visou um público não segmentado, portanto muito mais amplo.

²⁴ Exposição do Livro Argentino na BN. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 09 de agosto de 1940



Uma tópica vai marcar a fala das autoridades bem como a cobertura jornalística e os artigos autorais sobre a exposição: a comunhão de sentimentos pan-americanos que uniria os povos do continente, a qual aparece na ênfase discursiva sobre o estreitamento das relações de amizade com o povo argentino, e o sentido político da união americanista, o desejo de união das Américas e de intercâmbio cultural entre seus países. A visita do presidente Getúlio Vargas à exposição foi narrada de forma a reforçá-la. Destacada como um ponto alto da exposição ela será narrada de forma a que o leitor dos periódicos possa acompanhar passo a passo o percurso do presidente, acompanhado de vários dos seus principais ministros, guiados por Antônio Aíta. Este primeiramente explica os motivos da exposição e, em seguida informa o Presidente do interesse crescente na Argentina pelas obras vindas do Brasil, acentuando o aumento crescente de trabalhos brasileiros versados, segundo sua palavras, para o castelhano. O trajeto se inicia pelas coleções dos jornais da época reunidos, segundo Aíta, para serem salvos para a memória integrando, no futuro, as coleções de documentos históricos da Argentina; prossegue pelas coleções populares, vendidas a baixo preço e integrada por algumas edições que divulgavam, com a devida tradução, obras de autores brasileiros como Oliveira Viana, Rui Barbosa, Pedro Calmon, Austregésilo de Athayde, Tristão de Ataíde e outros; continua pelas várias seções da exposição com paradas nos álbuns e obras de História da Arte, e culmina com Antonio Aíta mostrando ao presidente várias edições fundamentais de literatura e história da Argentina, destacando os livros sobre Facundo, Mitre e San Martín. Ao final o Presidente recebe de Antônio Aíta uma edição “ricamente encadernada” da célebre obra de José Hernandez, Martín Fierro.²⁵

Um mês após a realização da Exposição do livro argentino, em 09 de setembro de 1940, é inaugurada no Rio de Janeiro, na sede da Associação Brasileira de Imprensa a Exposição do livro Uruguaio²⁶ e instalado, oficialmente o Instituto de Cultura Brasil, anunciado pelo Ministro Toríbio Oloso quando da exposição do livro brasileiro no Uruguai, o qual teria um equivalente em Montevideu. A abertura oficial da cerimônia contou com a presença do Ministro Capanema, acompanhado de Oswaldo Aranha,

²⁵ Ver O Presidente da República visita a Exposição do Livro Argentino. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 17 de agosto de 1940

²⁶ Sobre o assunto ver: Inaugurada a Semana do Livro Uruguaio. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 10 de setembro de 1940; A Semana do Livro Uruguaio. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 14 de setembro de 1940



então Ministro das Relações Exteriores e outros membros do governo Vargas, e o discurso de abertura coube ao jurista e intelectual Levi Carneiro, membro da Academia Brasileira de Letras, do Instituto Histórico Brasileiro, IHGB e então diretor do importante periódico Revista Brasileira. Estas presenças são uma emblemática demonstração da existência de uma rede bastante articulada entre intelectuais, instituições culturais e governo, com destaque no caso em tela, do papel do Itamaraty que, no Brasil, sempre esteve no vórtice das carreiras intelectuais. E as exposições de livro, por seu lado darão ensejo a uma rede importante de circulação de idéias, de trocas entre intelectuais, portanto de um espaço específico de construção de um padrão de sociabilidade e de comunicação intelectual, o que faz delas lugares privilegiados para as investigações no campo da história intelectual.

Na ocasião da instalação do Instituto Brasil-Uruguai, Levi Carneiro recordou, como justificativa da aproximação Brasil/Uruguai, o apelo de Rodó à mocidade americana para que “se reunisse em torno de Ariel, a força alada da inteligência e da beleza.”²⁷ Nesta direção vão seguir as falas do Ministro Uruguaio, Alberto Guani e do embaixador do Uruguai Juan Carlos Blanco²⁸ e ambos vão fazer o elogio da figura do intelectual. O Ministro liga a exposição de livros e a instalação do instituto Brasil /Uruguai a um plano de geral de cooperação para uma melhor inteligência entre os povos de forma a se assegurar o que chamou de “os superiores destinos da civilização das Américas”. E esta missão deveria ser entregue nas mãos dos intelectuais porque seriam eles “os portadores da força moral das nações. Segundo o ministro seria necessário guiar, dirigir os sentimentos da irmandade continental, já existente entre brasileiros e uruguaiois, e nessa obra os artistas, os professores, os homens de ciência seriam quem poderiam tornar acessível às massas os aspectos desconhecidos da riqueza histórica e do cabedal literário de uruguaiois e brasileiros. A difusão, portanto, da cultura americana no seio do povo deveria ser a tarefa dos institutos de cultura e das exposições, e o livro seria o auxiliar mais eficiente que a diplomacia poderia encontrar para, pelo conhecimento “da alma dos nossos povos se alcançar a unidade dos povos na América”. Nesta linha o ministro repassa autores e obras emblemáticos da mostra de livros do salão, expressão de repertório nacional da literatura e da história uruguaia: o

²⁷ Instalação do Instituto Brasil-Uruguai. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 10 de setembro de 1940

²⁸ Idem.



diplomata e historiador Andrés Lama e sua luta pela unidade dos países da América, os poetas Magarinos Cervantes, que teria escrito poemas no Rio de Janeiro; Juan Zorrilla de San Martín e seu poema Tabaré, que segundo o ministro irmão do Juca Pirama do brasileiro Gonçalves Dias; o escritor, jornalista e dramaturgo Bauzá de Maria e Acevedo, o escritor Javier de Viana e Florêncio Sanchez; Rodó; Delmira Agustini, Juana de Ibarburu e outros. Uns são lembrados como expressão da profundidade filosófica, outros pela forma literária ou como intérpretes da capacidade estética dos uruguaios, da psicologia dos seus habitantes, dos seus processos históricos, das lutas heróicas e evolução política. No conjunto as obras são invocadas pela sua potencialidade de harmonizarem uma só cultura, acima das diferenças de idioma e sem prejuízo das características de cada nação. Também por se confundirem com as obras maiores dos brasileiros uma vez postos em sintonia o espírito que as animaria e a sensibilidade brasileira.

As referências feitas aqui nesses discursos a alma, espírito, sensibilidade, afetividade são aqui chaves retóricas, com forte carga da cultura do romantismo e do ideário romântico que nutriu poderosamente a matriz do pensamento autoritário. Tal como já assinalamos em outro estudo, esses elementos ligam numa mesma operação, ainda que com diferentes matizes, a busca por uma afinidade essencial, natural, entre os homens e a natureza física; em crer na reintegração do indivíduo a um todo, a um eu coletivo e universal; em valorizar a busca de raízes primitivas, originais, fiadoras da autêntica cultura nacional; a ver na arte a expressão do espírito criador e do gênio da raça; e em se mover na direção do mundo sensível para um encontro com o corpo e a verdadeira alma da nação. Estes ingredientes podem ser facilmente encontrados no pensamento autoritário, seja expresso em textos e manifestações de intelectuais e homens públicos no Brasil e demais países da América Latina.

Na mesma tecla, o embaixador do Uruguai Juan Carlos Blanco vai ressaltar que a melhor riqueza do seu país é a espiritual, que o melhor que possuíam eram os homens de pensamento, e que as forças poderosas do mundo não estariam em torno dos poderosos, mas dos intelectuais. Estes, aparentemente afastados do mundo mas cujas idéias cedo ou tarde dominam o ritmo do mundo, seriam as forças espirituais que se encontravam na exposição e nos livros da exposição.



É importante salientar que as exposições possuíam uma programação paralela com conferências a exemplo no caso da exposição do livro uruguaio no Brasil, cujo tem foi O Gaucho e a Solidão, e a exposição livro americano com a palestra de Afrânio Peixoto sobre « O livro Americano”. Também homenagens, como a feita a Olavo Bilac, na qual o historiador, ensaísta e crítico uruguaio Zum Felde²⁹ falou em nome da intelectualidade uruguaia. Ocorreram desdobramentos da programação para missões no exterior com conferencistas³⁰ se deslocando entre os países. Lembro o caso de do estudioso do positivismo no Brasil, Ivan Lins que vai ao Uruguai falar de Rondon e sua epopéia na Amazonas, o de Júlio César Melo e Souza, escritor e matemático - conhecido no Brasil heterônimo de Malba Tahan - que realizou conferências sobre contos do folclore brasileiro, aspectos curiosos da literatura infantil, temas de educação, entre outros. Também as exposições previam inaugurações de bustos, como do Rodó na ABL³¹, ocasião em que a memória foi objeto de grande homenagem da Academia através de dois oradores importantes: o uruguaio Zum Felde e o presidente da ABL, o escritor Celso Vieira. Ambos destacaram o « intenso e puro sentimento de americanismo de José Henrique Rodó, sem omitirem o contexto do surgimento de suas idéias, sua contestação à « afirmação insolente do prestígio das raças anglo-saxãs sua defesa da raça latina, e de suas ‘infinitas reservas de ação e de concepção, sua defesa da fraternidade entre os povos que falavam as línguas latinas e de um americanismo inspirado num ideal de supressão das fronteiras entre as várias nacionalidades da América do sul, ou pelo menos das « fronteiras morais e espirituais. Enfim a América como berço de civilização. No conjunto ambos reafirmaram a atualidade do pensamento de Rodó naqueles anos 30-40

O que temos de fato no período é a reatualização do pensamento de Rodó, em tempos de um pan-americanismo concebido estrategicamente pelos Estados Unidos, como tentativa talvez de invocar a tradição para legitimar e justificar uma adesão, para minimizar oposições ou mesmo mediar posições.

²⁹ Missão Cultural Uruguaia Homenageia a Memória d Olavo Bilac. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 18 de setembro de 1940.

³⁰ Missão Brasileira no Uruguai. Conferências para o Intercâmbio Intelectual. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 18 de setembro de 1940

³¹ Homenagem a Rodó na ABL. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 12 de setembro de 1940



As exposições do livro, seja no âmbito de projetos editoriais, seja pelos seus objetivos de uma expansão do mercado, da difusão de uma cultura da leitura, de uma pedagogia nacionalista não pode ser entendida fora desse contexto de debate político em torno de projetos continentais.

No caso brasileiro o investimento em doações e exposições teve uma contrapartida: o engajamento pessoal do ministro Capanema, sua atuação efetiva, em diferentes momentos, como editor, sua participação em redes de sociabilidade intelectual.

Como muitos da sua geração o Ministro Capanema, tal como se pode inferir das suas manifestações oficiais e dos documentos do seu arquivo pessoal, acreditava no papel formador e no poder criativo do livro, ele próprio era um leitor que mantinha assinaturas de revistas francesas, foi grande leitor da *Bibliographie Française*; encomendava livros em livrarias no exterior, como o Ateneo, de Buenos Aires. Tomava também decisões de ordem editorial ao mandar traduzir, entre outras, obras estrangeiras que ele publicou através do INL como, por exemplo, a obra de Gaspar Barleus, “*O Brasil Holandês sob o Conde Maurício de Nassau*” e a obra de Guilherme Piso, “*História Natural e Médica da Índia Ocidental*”, escolhendo os tradutores, respectivamente Cláudio Brandão e o latinista Mário Lobo Leal, recomendando-os pessoalmente ao Diretor do INL, Augusto Meyer.

No caso da obra clássica de Barleus, foi ele quem decidiu as condições do contrato de tradução do inglês e quem definiu o pagamento dos direitos de edição pelo seu Ministério. Ele fez exigências bem precisas referentes às notas críticas, aos destinatários do livro, dirigido também à classe média dos leitores com, segundo suas palavras, “o cuidado com a tradução, a limpeza tipográfica e, por outro lado, a sugestão de gravuras e a multiplicação das notas que animam e dão vivacidade ao texto”³².

No que diz respeito a suas relações com a rede brasileira, Gustavo Capanema transitava numa rede de contatos, incluindo personalidades intelectuais e políticas, escritores, tradutores, editores a quem enviou pessoalmente obras publicadas pelo INL onde incluiu³³, a título de exemplo, os nomes dos editores Fernando Azevedo e Lourenço Filho, os escritores Mário de Andrade, José Lins do Rego, Otávio Tarquínio

³² Arquivo Gustavo Capanema. G.C. CPDOC, FGV, r24, doc. 336 et aussi r.25, doc 698

³³ Arquivo Gustavo Capanema. G.C. CPDOC, FGV, r. 25, doc. 738



de Souza, Afonso Arinos, assim como o tradutor e escritor Oto Maria Carpeaux, o historiador Pedro Calmon, o presidente Getúlio Vargas, os políticos Francisco Campos, Milton Campos, Pedro Aleixo e dezenas de outros, o que mostra que Capanema pertencia à elite cultural e política, se inseria em uma grande rede intelectual de sua época, participava em diferentes micro-climas intelectuais, e que ele teve em torno de si grandes nomes da intelectualidade brasileira dos anos 20-30-40 do século XX, embora não fosse ele mesmo um típico homem de “pensamento”, de textos de doutrina, de combate.

Os documentos do seu arquivo mostram bem sua ação dinâmica ao lado de Augusto Meyer. Como Fernando Azevedo, teve papel similar ao de um editor, às vezes aparentemente mais diretivo do que o do diretor do INL³⁴. Nesse sentido pode-se ver suas declarações de disposições de encontrar pessoalmente os editores americanos em viagem ao Brasil ; as suas correspondências oficiais com Augusto Meyer a quem dava orientações estratégicas, seja na compra dos livros para o Ministério e sua posterior distribuição para as bibliotecas, seja para no envio de livros aos estados brasileiros, sempre com detalhes precisos no que dizia respeito às obras e aos seus autores. Solicitou também a preparação dos projetos de lei a respeito da importação de livros³⁵. Finalmente, sua política do livro também acabou por beneficiar as edições da *Brasiliiana* que se multiplicaram e fizeram fortuna não somente pela iniciativa privada bem sucedida que foi, mas, também, através da compra de seus livros para a política de doações do Ministério Capanema..

Conclusão

No que diz respeito aos editores, Azevedo e Meyer – e a eminência parda Gustavo Capanema - não se pode esquecer que - com a nova divisão do trabalho instaurada pela modernização no campo das edições instaurada desde o século XIX, da qual fazem parte as funções sociais dos escritores e dos editores - o que se anuncia é o

³⁴ Augusto Meyer era um homem de letras, poeta, jornalista, que trabalhou muito na imprensa ; um amante dos livros ; ex-diretor da Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul ; um crítico literário renomado antes e depois da especialização intelectual ; um leitor apaixonado que permaneceu como diretor do INL durante 30 anos. Uma interessante análise do seu texto intitulado *O leitor* pode ser encontrado em SHAPOCHNIK, Nelson. Cicatriz de origem. Notas para uma Historiografia da leitura no Brasil. In : MARTINS FILHO, Plínio, e TENÓRIO, Waldecy (Org.) **João Alexandre Barbosa: O leitor Insonne**. São Paulo: EDUSP, 2007, p.367-387

³⁵ Vide Arquivo Gustavo Capanema. G.C. CPDOC, FGV, r. 25.doc. 220, 620, 634, 665, 626,



conceito de cultura ela mesma, segundo Júlio Ramos³⁶. Para ele, apesar dos seus diferentes espaços de ação, esses homens « são produtores da esfera cultural que eles defendem e definem ». Seus discursos, que podem ser lidos, a meu ver, no conjunto material que eles produzem, ou seja, nos livros e coleções, « são o compromisso com a legitimação da esfera cultural no interior da modernização que eles pretendem ver e, ou, representar ».³⁷

Para concluir podemos dizer que, ainda que as políticas de doação e exposição de livros tenham se originado de uma iniciativa estatal o fato é que os projetos intelectuais, políticos e editoriais como o de Fernando Azevedo, entre outros , criando a Biblioteca Pedagógica e a Coleção Brasileira, de um lado; e atuação de Gustavo Capanema e Augusto Meyer, ainda que no interior da política cultural do Estado Novo, de outro, acabaram por convergir , enquanto mediadores culturais, enquanto intérpretes, do Brasil, cada um a seu modo, lidando com um acervo de obras, de autores, de imagens e de conceitos, e se auto-delegando um poder cognitivo para, através dos livros, ensinar a sociedade a conhecer a si mesma e aos outros, fazendo dos livros grandes aliados no esforço de construção de identidades nacionais e regionais.

³⁶ RAMOS, Julio. **Desencontros da Modernidade na América Latina. Literatura e Política no século XIX**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008, p.238-239

³⁷ Idem